

O Projeto inicial do "Novo Hospital Eduardo de Menezes " tratava da evidente sinergia entre um Hospital que se dedica ao enfrentamento de epidemias e catástrofes e de um laboratório estratégico de propósito semelhante, o Instituto Otávio Magalhães (IOM), da Fundação Ezequiel Dias (FUNED). Este ponto é vital, há aqui uma missão clara a ser desempenhada. Esta geração atravessou uma pandemia de consequências terríveis e da qual ainda não se recuperou, cabe então perguntar: que instituições ela irá legar para o enfrentamento da próxima epidemia?

O projeto que agora é apresentado, tem seu início nesta discussão, para ser mais preciso, ainda antes da Pandemia e por ocasião de outro desastre, o da Vale, em Brumadinho. Procurava-se naquela ocasião, através da reparação, legar estruturas estratégicas para desafios que fugiam à capacidade habitual dos municípios fazer frente. Daí a importância de órgão estaduais trabalhando de forma afinada, no contexto do SUS, para demandas não usuais ou que sobrepujavam a capacidade instalada. Tendo como exemplo, isolar um paciente acometido por um vírus novo e identificá-lo, ou dosar no sangue um metal pesado advindo de um desastre.

Outro ponto importante, o HEM faz parte hoje, da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais a FHEMIG. A FHEMIG se constituiu na década de 70 a partir de uma amálgama de outras entidades, com propósitos completamente díspares: sanatórios, colônias, manicômios e unidades de urgência. A maioria das unidades que compõem a fundação são, na sua origem, locais de segregação ou mesmo de encarceramento de pessoas. Não é assim então, tão surpreendente, que a FHEMIG enfrente tantas dificuldades, a FHEMIG nunca foi um projeto claro, com uma missão definida. A FHEMIG foi e a ainda é, essencialmente, a herdeira de políticas higienistas que remontam ao século 19 e que ficaram datadas, obsoletas.

Há assim, sem dúvida, a necessidade de se repensar a FHEMIG e mesmo o papel do estado dentro do SUS, em especial no caso de Minas Gerais, de proporções tão grandes e com 853 municípios. O desenho atual da FHEMIG, com diversos hospitais, todos com baixa capacidade de leitos e em localizações de difícil acesso, fazia sentido na primeira metade do século XX, para o propósito para o qual foi concebido. Porém, não tem qualquer nexo hoje em dia, dada a complexidade do cuidado intra-hospitalar (tomografia, ressonância, endoscopia, cirurgia etc.).

Tendo em mente estas considerações, o projeto vem em boa hora e endereça questões importantes. Contudo, o projeto peca. De forma semelhante ao que se fez quando da criação da FHEMIG, confrontados com a necessidade de se repensar o que nos foi legado, a solução foi de amontoar de forma açodada,

propósitos completamente díspares. A missão de um equipamento de saúde, como um Hospital não é questão vulgar, pelo contrário.

Para exemplificar, qual o propósito de se unir uma Maternidade e um Hospital para pacientes com doenças infecciosas em uma mesma unidade? Para elucidar ainda mais este questionamento, a FHEMIG tem duas maternidades (MOV<sup>1</sup> e HJK<sup>2</sup>) em Belo Horizonte, não haveria mais sentido em uni-las? Faz-se uma proposta de repensar a FHEMIG e termina-se com a mesma redundância, duas maternidades em um mesmo município, ambas de um órgão estadual?

Há espaço físico livre, de sobra, na região da gameleira e que pertence ao Estado. É bastante razoável considerar que o projeto poderia ser realizado em etapas e de forma menos vertical. Desta maneira pode-se respeitar o propósito das unidades a serem recriadas. Ainda, em etapas, mitiga-se o risco na utilização de ferramentas relativamente novas, como a parceria público privada.

Quanto ao nome proposto, impingir convicções de uma determinada denominação religiosa para um equipamento público de um estado laico, é para dizer o mínimo anacrônico. Isto para não falar da incongruência geográfica, um equipamento situado na gameleira, com um nome de um bairro ao lado.

É simbólico que se procure apagar o nome do sanitário Eduardo de Menezes na busca de um anglicismo manjado e já utilizado<sup>1</sup>. Parece mesmo um ato falho, que trai o propósito de tentar “resolver a FHEMIG”, sem repensá-la.

Projetos desta envergadura são propostas de estado e não de governo. É imprescindível que o projeto mantenha a missão para a qual foi concebido. Trata-se da responsabilidade desta sociedade que viu e viveu a Pandemia. Se há necessidade de se repensar outras unidades da rede estadual, há como fazê-lo redesenhando e repensando estas unidades. Não há necessariamente conflito entre as propostas. Há sim conflito entre a missão futura que estes equipamentos desempenharão e a relutância em se enfrentar os passivos históricos de forma aberta.

Dario Brock Ramalho  
Médico Infectologista

- 1- Maternidade Odete Valadares
- 2- Hospital Júlia Kubistcheck
- 3- <https://www.hope.com.br/>